



# A INTERFERÊNCIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NAS ATIVIDADES ACADÊMICAS NO ENSINO SUPERIOR

*Gabriel Andrade Garcia<sup>1</sup>, Carlos Danilo Luz<sup>2</sup>*

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Engenharia de Software, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. andradgah0@gmail.com

<sup>2</sup>Orientador, Mestre, Docente no Curso de Engenharia de Software, UNICESUMAR. Pesquisador do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. carlos.luz@unicesumar.edu.br

## RESUMO

Este estudo pretende investigar de que modo o uso de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), especialmente sistemas generativos, interfere nas práticas de estudo de estudantes de graduação e se tal mediação está associada à delegação de tarefas e ao desenvolvimento de competências acadêmicas essenciais (autonomia, pensamento crítico e integridade acadêmica). Adota-se um delineamento misto, exploratório, aplicado a uma amostra intencional de aproximadamente 50 discentes do ensino superior. Os dados serão coletados por questionário online contendo: (i) caracterização do perfil; (ii) escalas do tipo Likert sobre padrões de uso, dependência percebida e atitudes frente à IA; e (iii) questões abertas para captar percepções e justificativas. As respostas quantitativas serão analisadas por estatística descritiva (frequências, medidas de tendência central e dispersão) e avaliação de consistência interna das escalas; as respostas qualitativas serão submetidas à Análise de Conteúdo Temática. Espera-se mapear ferramentas e usos mais frequentes, caracterizar perfis de engajamento com IA e discutir efeitos percebidos na qualidade do estudo, oferecendo diretrizes para um uso pedagógico equilibrado em cursos de graduação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inteligência artificial; Integridade acadêmica; Pensamento crítico; Mediação tecnológica; Ensino superior.

## 1 INTRODUÇÃO

A difusão de sistemas de IA tem reconfigurado rotinas pessoais, profissionais e educacionais. No Brasil, levantamento Google/Ipsos indica que 54% da população declarou ter utilizado IA generativa em 2024 (média global: 48%), sinalizando uma adoção acima da média mundial (AGÊNCIA BRASIL, 2025; TI INSIDE, 2025). No ensino básico, apurações jornalísticas recentes apontam uso expressivo de IA generativa por estudantes com acesso à internet, sugerindo que essas tecnologias já compõem o repertório cotidiano de estudo (TELETIME, 2025). Em paralelo, países têm discutido políticas e investimentos para IA inclusive o Brasil, com plano plurianual de R\$ 23 bilhões (2024–2028) para acelerar capacidades nacionais, com frentes em educação e formação (REUTERS, 2024).

No ensino superior, assistentes conversacionais e modelos generativos (e.g., ChatGPT) consolidaram-se como instrumentos de apoio à leitura, síntese e planejamento do estudo. Documentos orientadores de organismos internacionais recomendam uso humano-centrado, com salvaguardas de integridade, transparência e desenvolvimento de capacidades docentes e discentes (UNESCO, 2023; OCDE, 2023/2024). Esses referenciais enfatizam que a incorporação pedagógica de IA requer atualização de políticas institucionais e desenho avaliativo sensível a processos, não apenas a produtos finais.

Ao mesmo tempo, pesquisas empíricas e inquéritos setoriais alertam para tensões: enquanto estudantes reportam ganhos de eficiência e qualidade percebida, universidades revisam avaliações diante da ampla adoção (p.ex., 92% dos estudantes no Reino Unido declararam uso em 2025), com preocupações sobre plágio, confiabilidade e formação de julgamento crítico (HEPI/Kortext apud The Guardian, 2025). Literatura acadêmica emergente também explora efeitos cognitivos: estudos experimentais recentes associam o uso intensivo de LLMs a menor engajamento neural e “dívida cognitiva” em tarefas de



escrita, em comparação a condições sem ferramentas (KOSMYNA et al., 2025), e relatam sinais de declínio de engajamento em contextos de escrita acadêmica assistida (GEORGIU et al., 2025).

Diante desse cenário, o presente estudo analisa a interferência do uso de IA nas práticas acadêmicas de graduandos, identificando padrões de uso (complementar vs. substitutivo), motivações e percepções de impacto sobre competências essenciais para uma aprendizagem de qualidade. Busca-se, ainda, propor diretrizes que equilibrem oportunidades e riscos, informando práticas docentes e políticas institucionais.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa adota um delineamento exploratório de natureza mista. A escolha por essa abordagem se justifica por permitir a combinação de métodos qualitativos e quantitativos, o que possibilita inferências mais completas (Paranhos et al., 2016). O público-alvo do estudo são estudantes de graduação matriculados em instituições de ensino superior.

O instrumento para a coleta de dados será um questionário online, desenvolvido na plataforma Google Forms. O questionário será dividido em três seções: a primeira, para caracterização do perfil dos participantes (como curso e semestre); a segunda, com afirmações sobre o uso de IA a serem avaliadas em uma escala Likert de 5 pontos (variando de 'discordo totalmente' a 'concordo totalmente'); e uma seção final com perguntas abertas, para aprofundar a percepção qualitativa dos estudantes sobre o tema.

A análise dos dados ocorrerá em duas frentes. Os dados quantitativos (escala Likert) serão tratados por meio de estatística descritiva, com cálculo de frequências e médias. Para os dados qualitativos (perguntas abertas), será utilizada a Análise de Conteúdo Temática, buscando identificar os principais temas e percepções nas respostas dos estudantes.

## 3 RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que a análise quantitativa descreva padrões de uso de IA entre estudantes de graduação, distinguindo modalidades complementares (apoio à leitura, organização de ideias, revisão linguística) e substitutivas (delegação de etapas autorais e resoluções prontas). A estatística descritiva deve revelar tendências por curso, semestre e experiência prévia, enquanto a consistência interna das escalas assegurará a confiabilidade dos construtos (dependência percebida, autorregulação, integridade acadêmica). Em paralelo, a análise qualitativa deverá evidenciar racionalidades de uso (eficiência, redução de ansiedade, busca por feedback imediato) e dilemas éticos (fronteiras entre inspiração, coautoria e plágio), compondo um quadro mais denso sobre decisões que os estudantes tomam ao integrar IA ao estudo.

A triangulação dos achados permitirá discutir trade-offs pedagógicos: ganhos de produtividade e acesso rápido a explicações podem coexistir com risco de superficialidade conceitual, redução do esforço metacognitivo e fragilização do pensamento crítico quando o uso é predominantemente substitutivo. À luz de orientações internacionais (uso humano-centrado, transparência, avaliação sensível a processos), os resultados deverão subsidiar diretrizes institucionais e docentes: explicitar regras de uso, promover tarefas com rastros de processo (versões, diários reflexivos), argumentação, e estimular estratégias de andaimagem (scaffolding) em que a IA amplie a aprendizagem sem substituir a autoria do estudante.



## 4 CONSIDERAÇÕES

Os resultados previstos indicam que a incorporação de IA no ensino superior demanda políticas e práticas que preservem a centralidade do estudante como sujeito do conhecimento, o desenvolvimento de competências de autorregulação e ética digital, posicionando a IA como mediação cognitiva, não como substituta do raciocínio. Tais diretrizes serão refinadas à medida que os dados forem coletados e analisados.

Reconhecem-se limitações antecipadas: desenho transversal, amostra não probabilística e dependência de autorrelato, o que restringe generalização e inferências causais. Estudos subsequentes poderão empregar para estimar efeitos na aprendizagem e no pensamento crítico em diferentes contextos disciplinares. Mesmo assim, os resultados esperados tendem a oferecer base prática para manuais de boas práticas, revisão e ações formativas que equilibrem inovação tecnológica, integridade acadêmica e qualidade do aprender. Reforça-se, assim, a importância do estudo para alertar sobre os riscos da dependência tecnológica e garantir a qualidade da formação dos futuros profissionais na era digital.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Brasil está entre os países que mais usam inteligência artificial. Brasília, 14 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2025-01/brasil-esta-entre-os-paises-que-mais-usam-inteligencia-artificial>. Acesso em: 19 set. 2025.

GEORGIU, G. P. et al. Evidence of cognitive engagement decline in AI-assisted academic writing. arXiv, 2025.

KOSMYNA, Nataliya et al. Your brain on ChatGPT: Accumulation of cognitive debt when using an AI assistant for essay writing task. **arXiv preprint arXiv:2506.08872**, v. 4, 2025.  
VIDAL, Quentin; VINCENT-LANCRIN, Stéphan; YUN, Hyunkyeong. Emerging governance of generative AI in education. 2023.

OCDE. Higher education (tópico). Paris, 2024. Disponível em: <https://www.oecd.org/en/topics/sub-issues/higher-education.html>. Acesso em: 29 set. 2025.

REUTERS. Brazil proposes \$4 billion AI investment plan. 30 jul. 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/technology/artificial-intelligence/brazil-proposes-4-billion-ai-investment-plan-2024-07-30/>. Acesso em: 29 set. 2025.

TELETIME. No ensino médio, sete em cada dez alunos já usam IA generativa. 16 set. 2025. Disponível em: <https://teletime.com.br/16/09/2025/no-ensino-medio-sete-em-cada-dez-alunos-ja-usam-ia-generativa>. Acesso em: 19 set. 2025.

ADAMS, R. UK universities warned to stress-test assessments as 92% of students use AI. **The Guardian**, 2025.

TI INSIDE. Brasil está entre os países que mais usam IA generativa, segundo estudo Google e Ipsos. 14 jan. 2025. Disponível em: <https://tiinside.com.br/en/14/01/2025/brasil-esta-entre-os-paises-que-mais-usam-ia-generativa-segundo-estudo-google-e-ipsos/>. Acesso em: 29 set. 2025.



UNESCO. Guidance for generative AI in education and research. Paris, 2023. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/articles/guidance-generative-ai-education-and-research> . Acesso em: 29 set. 2025.

PARANHOS, R. et al. Uma introdução aos métodos mistos. Sociologias, Porto Alegre, v. 18, n. 42, p. 384-411, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86846760014>. Acesso em: 19 set. 2025.